

CONTOS

HORÓSCOPO PARTICULAR

Guilherme Rezende Machado

Alef Terturi teve a vida em torno das terças-feiras. Ele ainda não veio a falecer, apenas em algum momento, viajou para as quartas. Mas antes dessa época, todas as semanas começavam e acabavam no terceiro dia. Era assim desde a última vez em que acordou rodeado de formigas e sua mãe, que dividia a única cama da casa com os dois filhos, acendeu a luz e denunciou, que a coceira generalizada não eram alergias, mas formigas procurando onde estava o doce. Nessa época, Alef ainda não enxergava o outro lado do balcão no Bar do Geraldo, e todas as terças, quando seu pai partia depois da visita, a nota de dois reais o levava para frente da vitrine de doces. Foi um tempo mais bonito porque seus olhos ficavam na altura do Chokito e ele não precisava ver a rabugência daquele homem tão grande do outro lado do balcão. Colocava a nota com esforço sobre a vitrine, gritava Chokito e esticava a blusa esperando. O Geraldo empurrava o chocolate até aparecer a embalagem xadrez e cair magicamente como na máquina de Coca-cola. Atravessava a rua sem olhar para os lados, toda atenção estava em escondê-lo no bolso do short de moleton, para comer mais tarde com a luz apagada no quarto.

– Seu pai e eu vamos ter uma conversinha. Toda terça é a mesma coisa. Haja ação das paciência.

Mas esse foi apenas o primeiro indício de que alguma coisa sempre iria acontecer às terças. Sem pensar muito na ordem em que elas se dispuseram na vida de Alef, não é demais arriscar que quase todos os grandes acontecimentos da vida dele caíram nessa altura da semana. Claro que, por um lado muito disso deve-se ao fato dele ver tudo o que acontece nesses dias através da lupa de sua atenção. Mas por outro, não é possível dizer que a vida tenha ignorado essa tese. A primeira vez que Alef foi ao cinema, era terça-feira. No ano em que começou a escola, a primeira semana de aula tinha um feriado na segunda. O gol mais bonito da vida dele foi chutado na terça-feira. Suas principais perdas também. Não as do futebol, que não escolhiam dias, mas as perdas do vídeo game, dos sapatos novos, de algumas paixões, e da sua avó Mariana. A maior de todas elas, não as perdas, a avó.

Alef parou de questionar essa ideia quando descobriu que nascera às três da manhã de uma terça-feira do mês de março, o que, condenando-o ao signo de peixes, o levava a achar mais sentido na teoria das terças do que na do horóscopo. E o mais encantador é que a teoria era toda sua e, portanto, não havia quem pudesse dizer estar certo ou errado, algo que por vezes era só o que ele queria, pois é uma responsabilidade cósmica ser dono de tamanha... (ainda não encontrei

a palavra). Depois, a contínua descoberta de alguns fatos vivia endossando essas ideias. A questão que fica é saber se os fatos se cristalizavam na sua memória sentimental por suas respectivas magnitudes ou se seu sentimento de memória os capturava a depender do dia acontecido.

Um bom exemplo foi quando a professora de História apresentou o Muro de Berlin no segundo ano, já no ensino médio. Como se fosse uma informação trivial, ela mencionara que numa quinta-feira, aos nove dias do mês de novembro de mil novecentos e oitenta e nove, caía o maior símbolo a dividir a política no mundo. Depois de pensar, infinitas vezes dentro de dez segundos, a pertinência da pergunta que iria fazer, Alef disse:

– E qual dia da semana ele começou a ser construído?

A professora, que sempre soube como passar a imagem de pessoa eloquente, deu-lhe os olhos por bem mais que dez segundos e dizia no olhar, “você me perguntou o que eu acho que você me perguntou?”. Alef entendeu o que ela dizia sem voz, por isso antecipou – É que tão importante quanto o dia em que caiu, também é o dia em que começou, não é? – A professora passou então a falar sobre como seu filho de seis anos lhe fazia perguntas que não eram perguntas feitas por crianças de seis anos. Foi a primeira e única vez que Alef saiu da sala enquanto alguém “explicava um conteúdo” e o acontecimento responde ao seu “horóscopo” particular. Até hoje desconfia de duas coisas, que o primeiro tijolo do muro de Berlin fora colocado numa terça-feira e que sua professora de História possivelmente chorara depois da aula.

Outro fato que lhe assegurou por muito tempo sua relação íntima com o terceiro dia da semana foram os relacionamentos que teve. Com todo tipo de pessoa, com amores, com amigos, com pessoas que admirou e também que vociferou contra. Por muito tempo a primeira pergunta que fazia era – qual seu dia da semana preferido? – e dependendo da resposta diferenças eram projetadas ou rejeitadas. A consequência é que todas as pessoas, salvo as de sua família, sabe-se lá por que, foram embora. Por várias vezes elas respondiam, “Sexta feira é claro” ou “eu gosto de domingo porque ninguém gosta de domingo” até que Alef preferiu parar de perguntar e assim viver na dúvida, como quem, tendo a possibilidade de saber o dia em que vai morrer, opta por não saber. Depois disso as pessoas começaram a permanecer mais tempo, algumas não deixaram de ir embora, nitidamente porque não preferiam as terças-feiras. Mas essa nitidez ainda é dúvida parecida com as que ele leva sobre a professora de História, provavelmente não terão respostas.

Hoje é uma típica terça-feira apocalíptica. Mas Alef não sabe, ou pelo menos não quer saber. Está com trinta e três anos. Dizem que é a idade de Cristo e que é um ano de provação. Ele concorda, mas não pelos mesmos motivos, é claro. Chega até a pensar se as pessoas lhe dizem isso por desconfiar do seu horóscopo particular. Mas, não... Não

teria como. É algo que ele guarda sob trinta e três chaves. Não teve filhos até agora. Queria tê-los, não preciso dizer quantos nem com quem, não é mesmo?! Só que todo esse mundo tridimensional e terçafeirístico que se retroalimenta na cabeça de Alef precisa ruir. Ele sabe. Ou pelo menos a consciência, que em todas as semanas liga sua sirene para qualquer grande acontecimento, precisa desaparecer, dormir. Talvez essa é a grande prova do trigésimo terceiro ano de sua vida.

Então ele se presenteou com uma passagem. Todas as suas economias numa última cartada. Sobre, provavelmente, trinta mil e alguns tantos pés de altura, ou apenas onze mil metros, já tentando se desfazer desse horóscopo não tão particular, o piloto avisa quanto a escala em Berlim. Ele bem que gostaria de encontrar em algum museu da cidade o primeiro tijolo do antigo muro atrás da placa em que só a palavra “*Dienstag*” importaria. Mas, não é mais o seu foco, até porque a professora não se lembraria mais e os alemães não devem celebrar o início, mas provavelmente o fim do muro. O que é perigoso, nunca se sabe qual dia da semana é propício para novos muros.

O avião segue viagem para Istambul, Pequim e por fim Tóquio. Alef nunca viajou de avião e lá do alto, se sente uma formiguinha na grande cama do mundo que esconde o doce. Serão duas semanas nesse país que ele sequer sabe dizer “oi”, sequer sabe se existe “oi” por lá. O importante é saber que ele saiu de casa segunda-feira às vinte e duas horas e que o voo só chega trinta horas depois, tomara, com atraso para que ele possa dormir além da conta algum sono atrasado.